

TRILOGIA DA ANGÚSTIA

antónio ribeiro

I. A PALAVRA

Tinha vivido sempre no deserto. Não conhecia o silêncio senão no dia em que o ruído se fez verbo e o atingiu com a metáfora, dilacerando-lhe a face, transversalmente, descobrindo-lhe um espaço ingenuamente róseo, (a que mais tarde os teólogos chamariam boca) donde escorria maculando-lhe o corpo, uma baba fedorenta e um hálito envenenando-lhe o cérebro para se esquecer do tempo em que não tinha nome.

II. O NOME

Houve o dia em que as águas do dilúvio correram do lugar apontado em cima, na paisagem das nuvens; ele, aproximou-se do lago que as águas geraram e os olhos vidraram-se as suas esferas viscosas, até que as areias se lhe incrustaram os pulsos e lhe tolheram o movimento, quebrando-lhe o gesto da fauna, a cama onde habitava. O nome então tornou-se pele, e, a pele tornou-se jaula.

III. O TEMPO

Os hálitos do sol surgiram ao terceiro momento no lugar das trevas. As espáduas perderam a sua elasticidade, para se adaptarem às caminhadas entorpecidas duma viscosidade que limava as arestas mais agressivas do corpo. O homem em vão tentou rasgar com as unhas a sombra que o perseguia. ●

